

Crise expõe dificuldades para ‘limpar’ a matriz (1)

Christopher Matthews (2)

Collin Eaton (3)

Benoit Faucon (4)

O choque nos preços internacionais da energia serve como lembrete de que o mundo continua a depender dos combustíveis fósseis - mesmo em meio aos esforços para substituí-los por fontes de energia renováveis.

Nas últimas semanas, a demanda mundial por petróleo, carvão e gás natural chegou às alturas, influenciada pela combinação de condições climáticas atípicas e retomada das economias da pandemia, que provocou problemas de falta de energia pelo mundo, da China ao Brasil e ao Reino Unido.

A situação expôs a fragilidade dos suprimentos mundiais à medida que os países se empenham em trocar os combustíveis fósseis por fontes de energia mais limpas, uma mudança que muitos investidores e governos tentam acelerar diante das preocupações com a mudança climática.

Segundo executivos e analistas do setor, a transição dá sinais de que continuará sendo uma tarefa desafiadora nos próximos anos, em razão de uma dura realidade: embora o investimento em combustíveis fósseis esteja em queda, eles ainda representam a maior parte das fontes de energia - e os investimentos em fontes “verdes” não crescem rápido o suficiente para preencher a lacuna.

A demanda por eletricidade continua alta, mesmo com as cadeias de suprimento começando a ter problemas. Em alguns casos, a geração de energia por fontes renováveis, como a eólica e a hidrelétrica, ficou abaixo da esperada, o que elevou ainda mais a demanda por combustíveis fósseis.

Demanda mundial por petróleo será de 99,6 milhões de barris/dia em 2022, perto dos níveis pré-pandemia.

A Agência Internacional de Energia (AIE), grupo que assessora um grupo de países em políticas energéticas, projetou neste mês que a demanda mundial por petróleo chegará a cerca de 99,6 milhões de barris por dia em 2022, perto dos níveis pré-pandemia. Para o carvão, prevê uma demanda maior do que em 2019 já neste ano e certo aumento até 2025. O ritmo de declínio a partir desse ano, no entanto, dependerá de medidas governamentais que incentivem o abandono gradual do carvão, segundo a AIE.

“Há muito menos produto disponível para atender a esse rápido crescimento”, disse o executivo-chefe da Exxon Mobil, Darren Woods, em uma conferência virtual organizada na Rússia, na quarta-feira. “Se não equilibrarmos a equação da demanda e apenas nos concentrarmos na oferta, isso levará a mais volatilidade.”

A produção mundial de petróleo encontra dificuldade para equiparar-se ao aumento de consumo nos países que se recuperam da pandemia, de acordo a Agência de Informações sobre Energia dos EUA (EIA, na sigla em inglês).

Os investimentos médios na exploração de gás e petróleo, excluindo as bacias de xisto, que entre 2010 e 2015 giraram em torno a US\$ 100 bilhões por ano, caíram para cerca de US\$ 50 bilhões anuais nos anos seguintes, quando as cotações despencaram, segundo a Rystad Energy.

Neste ano, os investimentos totais em petróleo e gás no mundo somarão US\$ 356 bilhões, cerca de 26% a menos do que antes da pandemia, segundo projeções da AIE divulgadas na semana passada. Para cumprir as metas do Acordo de Paris sobre o clima, teriam que continuar nesse patamar pelos próximos dez anos e depois cair ainda mais, de acordo com a AIE. O acordo pretende limitar o aumento médio nas temperaturas mundiais a não mais do que 2°C em relação aos níveis pré-industriais, preferencialmente a 1,5°C.

O mundo adicionou 280 mil MW de eletricidade renovável em 2020, alta de 45% em relação ao ano anterior, diz a AIE.

Para atender à demanda mundial por energia, assim como às metas climáticas, os investimentos em energia limpa precisariam crescer de cerca de US\$ 1,1 trilhão neste ano para US\$ 3,4 trilhões ao ano até 2030, de acordo com AIE.

“O mundo não vem investindo o suficiente para atender às necessidades futuras de energia, e as incertezas sobre as políticas [energéticas] e os rumos da demanda criam o forte risco de um período de volatilidade à frente para os mercados de energia”, destaca o relatório da AIE. Expandir as energias renováveis exigiria gastos muito maiores em outros setores, como mineração, para produzir e refinar as matérias-primas necessárias para turbinas eólicas, painéis solares e armazenamento de baterias em escala suficiente para atender empresas de eletricidade pública, segundo a AIE.

Nos últimos 20 anos, houve uma aceleração no desenvolvimento de fazendas eólicas e solares e de outras fontes de energia renováveis, à medida que o custo dessas tecnologias foi caindo, graças a economias de escala, e elas foram se tornando mais competitivas em comparação à geração de eletricidade por combustíveis fósseis. A capacidade mundial de energia renovável, excluindo energia hidrelétrica e a de hidrelétricas reversíveis, chegou a 1,5 milhão de megawatts (MW) em 2020, de acordo com a Agência Internacional de Energia Renovável (Irena), em comparação aos menos de 55 mil MW em 2000.

Fontes de energia mais verdes têm conquistado participação de mercado nos EUA e na Europa, ajudadas por subsídios governamentais e outras políticas destinadas a reduzir o uso de carvão, o mais sujo dos combustíveis fósseis. Em 2019, os EUA consumiram mais energia alimentada a fontes renováveis do que a carvão pela primeira vez desde 1885.

Projeta-se que esse crescimento continuará. O mundo adicionou 280 mil MW de eletricidade renovável em 2020, alta de 45% em relação ao ano anterior, de acordo com a AIE. O órgão considera esse ritmo “o novo normal” e projeta aumentos similares em 2022 e 2023.

Ainda assim, os fósseis representam a maior parte da geração de energia no mundo. As energias renováveis geraram cerca de 26% da eletricidade mundial em 2019, de acordo com a Irena.

Os líderes mundiais devem se reunir para uma grande conferência sobre as mudanças climáticas, em Glasgow, daqui a duas semanas, com o objetivo de acelerar a transição a uma

energia mais limpa e reduzir as emissões de gases causadores do efeito estufa. No entanto, eles ainda estão às voltas com questões centrais que têm complicado tais negociações há décadas, entre elas decidir se os países ricos pagarão para ajudar os mais pobres nessa transição.

Problemas nas cadeias de suprimentos também restringem a rapidez com que o mundo pode expandir a geração de energia eólica e solar. A maioria dos painéis solares é atualmente produzida com energia de usinas a carvão na China, que fornece mais de 75% do polissilício do mundo. Alguns governos e empresas ocidentais tentam distanciar a fabricação de painéis solares do carvão, mas isso pode elevar os custos da energia solar.

Além de tornar a rede elétrica mais verde, muitos países vêm promovendo políticas para acelerar a adoção dos veículos elétricos. Isso deverá reduzir a quantidade de petróleo usado por meios de transporte, que hoje respondem por cerca de 60% da demanda pela commodity, segundo a AIE. Mas, mesmo com quase todas as principais montadoras de automóveis, incluindo General Motors e Volkswagen, apostando alto na produção de veículos elétricos e da aceleração das vendas, a adoção deverá ser apenas gradual.

Na Europa, que teve um declínio na geração de energia, em parte, devido à desaceleração atípica nas velocidades dos ventos marítimos, os preços do gás natural quase triplicaram em três meses, levando alguns fabricantes de fertilizantes a interromper a produção porque não podem mais produzi-lo com lucro. Na China, a falta de eletricidade provocada pelos altos preços do carvão levou as autoridades locais a reduzir o horário de atividade de algumas fábricas, afetando a produção de semicondutores e de outros produtos importantes de exportação.

Os EUA foram menos afetados do que outros países, mas também registraram preços mais altos, de forma que crescem as preocupações quanto a novos aumentos no inverno americano. Na semana passada, a EIA avisou que as contas de quase metade das famílias americanas que aquecem suas casas, principalmente, com gás natural deverão aumentar, em média, 30% em comparação ao ano passado.

Os preços do petróleo Brent, referência mundial da commodity, chegaram a US\$ 85 por barril na sexta-feira, nível mais alto em três anos. Os operadores estão apostando que os preços continuarão em alta, o que alimenta a efervescência no mercado de opções.

Outro fator que afeta o petróleo é que a escassez de gás e carvão pressiona algumas fábricas e operadoras de usinas de energia a queimar petróleo em vez das outras duas commodities.

A Saudi Arabian Oil Co, conhecida como Aramco, divulgou neste mês planos para elevar sua capacidade de produção de petróleo de 12 milhões para 13 milhões de barris por dia até 2027. A rival Abu Dhabi National Oil, principal produtora de petróleo dos Emirados Árabes Unidos, anunciou investimentos de US\$ 122 bilhões, em parte para aumentar sua capacidade de produção de petróleo para 5 milhões de barris diários até o fim da década, em comparação aos atuais 4 milhões por dia.

No total, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) projeta que serão necessários US\$ 11,8 trilhões em investimentos mundiais em petróleo e gás de até 2045 para atender à crescente demanda global. Segundo relatório de setembro da Opep, a produção de petróleo de seus membros cobrirá 39% do consumo global em 2045, mais do que os 33% atuais.

“Estamos testemunhando tensões e conflitos ligados à viabilidade financeira do acesso à energia, à segurança energética e à redução de emissões”, disse o secretário-geral da Opep,

Mohammed Barkindo, em entrevista neste mês.

Governos que tentam acelerar o processo de transição para fontes mais limpas de energia estão percebendo que isso exige grandes volumes de investimentos e que pode esbarrar em obstáculos imprevistos. Nos EUA, a Califórnia está no meio da iniciativa de aposentar várias centrais elétricas à base de combustíveis fósseis para descarbonizar sua rede elétrica até 2045, como exige a lei estadual.

A Comissão de Serviços Públicos de Infraestrutura da Califórnia determinou que as fornecedoras de energia elétrica comprem uma quantidade sem precedentes de energia renovável, recursos isentos de carbono de armazenagem em baterias e outros para preencher a lacuna e acompanhar o ritmo do crescimento nos próximos anos: mais de 14 mil megawatts ou 33% da projeção do Estado da demanda de pico de verão.

Embora as empresas reúnam condições para alcançar essas metas até agora, a Comissão de Energia da Califórnia e a operadora da rede de energia elétrica do Estado manifestaram recentemente preocupação de que as compras poderão não ser suficientes para evitar apagões de energia elétrica nos próximos verões. O Estado, além disso, planeja aposentar sua última central elétrica nuclear, de Diablo Canyon, que gera quase 10% de sua energia elétrica, até 2025.

A Califórnia evitou por pouco quedas sucessivas de energia elétrica neste ano, em meio a incêndios espontâneos que interromperam a transmissão de energia elétrica e a uma grave seca que reduziu a produção hidroelétrica em todo o Oeste, inclusive a gerada pela Barragem Hoover.

Já na costa leste, em Wall Street, após perder dinheiro por anos no surto de petróleo de xisto dos EUA, que produziu grandes volumes de combustível, mas poucos lucros, investidores e financistas clamam para que as empresas limitem os investimentos em projetos futuros e lhes paguem retornos maiores.

Essa pressão atrasou o crescimento em todos os campos de petróleo, com exceção de um, que alimentou o surto de crescimento do petróleo de xisto. Empresas como a Continental Resources, no campo de Bakken, em Dakota do Norte, e a EOG Resources, na reserva de xisto de Eagle Ford, no Sul do Texas, davam início a um surto de crescimento sempre que o petróleo alcançava mais de US\$ 100 o barril. Mas os produtores dessas regiões já perfuraram parte das terras mais fartas e enfrentam limitações para extrair a mesma quantidade de petróleo dos poços novos em campos em processo de maturação. Neste ano, a produção de petróleo de quase todas as 20 maiores produtoras tanto de Eagle Ford quanto de Bakken ficou abaixo dos níveis pré-pandemia, segundo dados da plataforma de análise setorial ShaleProfile.

“Estamos começando o longo, longo adeus”, afirmou o estrategista Bob Fryklund, da IHS Markit, sobre as atividades de Bakken e Eagle Ford.

O único lugar no território americano (excluindo o Alasca) em que as empresas de xisto estão crescendo é na Bacia Permiana, no oeste do Texas, e no Novo México. Mas, mesmo nessa região, a produção ainda não se recuperou completamente, e as empresas que estão enviando mais sondas de prospecção são normalmente de menor porte, operadoras privadas que não têm força suficiente para elevar a produção de modo significativo.

“Teremos sorte se crescermos 5% ao ano nos próximos anos”, disse em agosto aos investidores Scott Sheffield, executivo da Pioneer Natural Resources, a maior produtora da Bacia Permiana.

(1) Artigo publicado no Valor Econômico. Disponível em:<
<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/10/20/crise-expoe-dificuldades-para-limpar-a-matriz.ghtml>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021

(2) Christopher Matthews é jornalista na Dow Jones Newswires

(3) Collin Eaton é jornalista na Dow Jones Newswires

(4) Benoit Faucon é jornalista na Dow Jones Newswires